

## DAS TAREFAS DA FILOSOFIA EM TEMPOS DE CRISE<sup>1</sup>

## ON THE TASKS OF PHILOSOPHY IN CRISIS SEASONS

*Daniel Pansarelli<sup>2</sup>*

Recebido em: 08/2019

Aprovado em: 10/2019

**Resumo:** O artigo apresenta a produção filosófica latino-americana que era realizada no final dos anos 1960, período em que se iniciava na América Latina a Era das Ditaduras. Demonstra como o contexto político instável estimulou a produção filosófica e apresenta aspectos característicos dessa filosofia produzida. Ao final, se propõe a discutir algumas das tarefas da filosofia no atual tempo de crises, em que a instabilidade política retorna ao contexto histórico.

**Palavras-chave:** Era das Ditaduras, América Latina, Filosofia latino-americana

**Abstract:** The article presents the Latin American philosophical production in the late 1960s, when the Age of Dictatorships began in Latin America. It demonstrates how the unstable political context stimulated philosophical production and it presents characteristic features of this produced philosophy. In the end, it proposes to discuss some of the tasks of philosophy in the present, in the actual crisis season, in which political instability returns to our historical context.

**Key words:** Age of Dictatorships; Latin America; Latin American Philosophy

### **Introdução: sobre a circunstância histórica deste texto**

Esse texto é escrito no tempo em que se comemoram 50 anos do surgimento de obras marcantes na constituição da identidade da América Latina como continente e da filosofia latino-americana em particular. Foi na década de 60 do século passado que o Brasil inaugurou a Era das Ditaduras que tomaram diversos países do Centro e do Sul do nosso Continente, sob forte influência estrangeira, colocando-nos por décadas como meros satélites dos astros que travavam uma guerra fria global. Enquanto a resistência democrática ainda ocupava o Chile, aquele país recebeu no exílio Paulo Freire que, desde lá, trouxe à luz a sua *Pedagogia do*

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao encontro do GT Ética e Cidadania, da ANPOF, realizado em Vitória-ES, em outubro de 2018.

<sup>2</sup> Filósofo, doutor em Educação. Professor na Universidade Federal do ABC, atualmente respondendo como Secretário-Geral da Universidade. Contatos: [pansarelli@gmail.com](mailto:pansarelli@gmail.com).

*oprimido*. Com efeito, essa obra do ainda jovem Freire talvez já representasse a precoce maturidade teórica do autor, que dava forma bastante avançada a sua teoria cuja formulação começara na escrita de *Educação e atualidade brasileira* e *Educação como prática da liberdade*. Ainda que Freire tenha sido o precursor das grandes formulações contextualizadas em uma América terceiro-mundana<sup>3</sup>, sua obra dialogava com os demais movimentos sociais e teóricos que iam se constituindo, no campo da Economia, das Artes, da Teologia e mais.

Foi no mesmo ano de 1968 que, desde o Peru, Augusto Salazar Bondy fez a provocação que colocaria a filosofia de maneira mais marcante nesse diálogo. Ao perguntar, crítica e provocativamente, se *¿Existe una filosofía en Nuestra América?*, Salazar parece pôr em movimento e em diálogo uma série de construções que já se vinham realizando. Talvez tenha sido especialmente significativo o fato de o autor abarcar em sua reflexão toda a América Latina. Ainda que sua pesquisa esteja circunscrita à *América hispânica*, já no início de seu livro explicita que tem elementos para acreditar que suas reflexões possam ser representativas de todo o continente. De fato, Salazar manteve significativa correspondência com pesquisadores de diversos países, dentre os quais, por exemplo, o brasileiro João Cruz Costa, que já em 1956 criticava, em suas *Contribuições à história das ideias no Brasil*, o caráter excessivamente imitativo da filosofia lá praticada. A famosa resposta de Leopoldo Zea, no ano seguinte, marca a célebre controversa que, possivelmente, tenha dado origem à filosofia latino-americana em sua forma contemporânea. Parece ter sido daí que ganha maior repercussão a produção que vinha sendo realizada, por exemplo, por aquela *nova geração filosófica* que vinha irrompendo na Argentina. Ou, a mais larga produção voltada ao pensamento latino-americano, que veio a ganhar corpo no México.

Assim como as margens dos rios são os terrenos mais férteis, por viverem na instabilidade entre a água e a terra seca, parece que as situações de instabilidade e de sofrimento ocasionam a produção filosófica desde há muito tempo. Na América Latina, o contexto deste último meio século mostrou-se solo fértil à produção filosófica. As condições de sofrimento típicas do terceiro mundo (à época, não se usava a atenuante expressão *países em desenvolvimento*) ofereciam largo conteúdo filosófico. E a emergência das ditaduras parece ter provocado a urgência de filosofar. É verdade que as condições de opressão generalizadas e sistemáticas em nosso continente chegaram há muito mais tempo, junto com os invasores europeus, os quais trouxeram para cá, inclusive, outros povos a padecer de sua opressão. Mas

---

<sup>3</sup> Tratei deste assunto no livro *Filosofia latino-americana: a partir de Enrique Dussel*, quando pude demonstrar de forma mais detalhada a anterioridade da pedagogia freireana em relação à teologia e à filosofia da libertação.

a Era das Ditaduras impôs a urgência de uma produção teórica que favorecesse a organização das ideias e das práticas de combate pela libertação.

### **Utopias factíveis**

No Hemisfério Norte do globo se anunciou há muito que os intelectuais de lá vivem seu momento de Epílogo. Ainda que não tenham alcançado a *paz perpétua*, reconheceram em seu contexto geopolítico, ao longo do século XX, a assertividade da posposta hegeliana, que entendia que havia chegado ao fim o período dos grandes sistemas filosóficos. Heidegger anunciou *o fim da Filosofiae*, menos significativo teoricamente, coube a Fukuyama decretar *o fim da História*, (r)emendado por Lyotard que qualificou *o fim das metanarrativas*. Todos eles confirmavam Hegel: o Espírito da história havia alcançado seu estágio desenvolvido.

Ocorre que a leitura da intelectualidade eurocêntrica, que passou a se arrogar universal desde meados da Modernidade, é localizada geopoliticamente e limitada historicamente.

Sob perspectiva histórica, insistem em considerar o período helênico como uma espécie de início oficial da atividade intelectual do “mundo”, mas o que chamam de mundo é apenas o quadrante norte-ocidental do planisfério. Aliás, é a con-fusão que fazem entre as noções de “mundo” e de “norte-ocidente” que limita sua capacidade de compreensão da história. Para que pudessem ver e compreender períodos históricos mais remotos, precisariam olhar para o Oriente, e também para o Sul – África, Ásia e o que restou da América pré-invasão. Ou seja, a incapacidade de olhar para os lados, limita a capacidade de conhecimento e compreensão históricos.

Enquanto o Epílogo eurocêntrico era anunciado por eles mesmos, na América Latina se passou a reinventar a Filosofia. É verdade que em muitos casos, dos quais o Brasil é exemplo, não se criou o saudável hábito de refletir sobre o que seja a própria filosofia. Diz Antônio Joaquim Severino, ao analisar *A filosofia contemporânea no Brasil*, que na tradição filosófica local criou-se uma espécie de cultura segundo a qual “se aprende filosofar, filosofando”, ainda que sem dedicar alguma reflexão sobre o que caracterize a especificidade desta área. Com efeito, parece mesmo ser esse o cerne da controversa entre Salazar e Zea: ambos tiveram não só objetivos específicos diferentes ao escreverem suas obras em questão, mas também cada qual partiu de uma compreensão específica sobre o que consideravam ser filosofia.

O fato é que, do cenário de sofrimentos acumulados por séculos e de uma urgência produtiva gerada pela Era das Ditaduras, constituiu-se um modo peculiar do fazer filosófico.

Eventualmente, um modo não totalmente inédito, mas sem dúvidas *assimilado, original e autêntico*, para usar termos zeanos.

Foi Aristóteles quem disse, em sua *Ética a Nicômaco*, que o filósofo é o mais feliz dos humanos (ele disse Homens, na verdade) por não precisar de nada além de si mesmo para exercer a sua função, o seu ofício. Em uma América Latina presa, encarcerada e torturada; em uma América Latina que aprendia com o “primeiro mundo” a se colocar no pau de arara e na cadeira do dragão; em uma América Latina que sangrava hemorragicamente em suas veias abertas, a tarefa que as filósofas e filósofos tomaram para si, de maneira consciente ou não, foi a de construir liberdades, de construir cenários utópicos. Não como fuga, mas como horizonte mais alargado do que aquele limitado pela pouca capacidade eurocêntrica de leitura histórica e geopolítica, e concretamente, mais alargado que aquele que (não) se via das celas em que se prendiam os chamados ‘subversivos’, nos porões das ditaduras.

A partir do movimento potencializado por Freire e, sobretudo, pela questão teórica posta entre Salazar e Zea, tomou-se tacitamente a Filosofia como construtora de cenários utópicos. Mas para que isso fosse um movimento de práxis, e não de fuga, era preciso qualificar a utopia criada. Era preciso que essas utopias fossem utopias possíveis. E, para que o fossem, foi imprescindível a criação de um conceito que nos foi oferecido por Hinkelammert, qual seja, a *factibilidade*. Depois emprestado por Dussel, tornando-se um dos pilares de sua *Ética da libertação*, o critério de factibilidade pode se constituir como uma espécie de *lastro da utopia na realidade*. Se não fosse factível, a Filosofia e sua utopia seriam mero idealismo, repetindo a produção moribunda do quadrante norte-ocidental do globo. A construção utópica era a tarefa, mas sua validade como filosofia estava atrelada à possibilidade de sua realização, à sua factibilidade.

A expressão freireana que remete ao *inédito viável* aparece como outra forma de manifestar o mesmo movimento, reiterando que era essa a tarefa da filosofia entre nós, há cinquenta anos, no início da Era das Ditaduras. Todavia, acrescenta à utopia a qualificação de inédita. De fato, Freire nos ensinou que a libertação do oprimido não se daria por meio de este alcançar a posição de opressor. Antes, se daria por libertar a ambos da opressão existente – e isso seria inédito. Em lugar de alcançar um espaço (um posto ou um *slot*) eventualmente vago no campo geopolítico do *primeiro mundo* (o que ainda pressuporia a existência de um *terceiro mundo*), tratava-se de abolir a divisão do mundo em quadrantes, permitindo, pela primeira vez, por meio da dialogicidade, da práxis dialógica, que o conceito *universal* fosse aplicado com verdadeiro rigor e correção filosóficos.

Motivada pela repressão que começava a se instalar no continente, a filosofia se pôs a construir utopias possíveis. Elaborou a sofisticada noção de *factibilidade* para qualificar se seriam realmente possíveis, viáveis. E vislumbrou, como parte de suas utopias, um cenário inédito para o mundo globalmente colonizado, limitado em suas capacidades de compreensões geopolíticas e históricas, e especialmente, preso no início de uma Era Ditatorial, da qual desde já queria se livrar. Assim, surge como Filosofia a Libertação.

#### **A filosofia em estado de sítio<sup>4</sup>**

Tratei até aqui de algo que se passava há cerca de meio século, em torno dos anos 1960 e 1970. Desde então, os últimos cinquenta anos puderam testemunhar que apenas parcialmente se modificou, no meio filosófico latino-americano, aquele cenário criticamente abordado e descrito por Salazar. É verdade que o movimento potencializado por sua obra e pela resposta zeana não se cessou, e efetivamente vem ganhando mais força e maior corpo desde então, primeiro na América hispânica, mais recentemente também no Brasil e em outros rincões do continente. Mas também é verdade que a maioria significativa dos filósofos e filósofas permanece dedicando sua obra ao Epílogo do pensamento eurocêntrico, fazendo uma espécie também inédita de filosofia: a filosofia absolutamente descontextualizada, sem diálogo com o conjunto da produção teórica do continente, sem diálogo com as questões que mobilizam os povos e as comunidades locais, uma filosofia que se contenta em viver em uma espécie de *estado de sítio*. De fato, muitos filósofos agradecem quando não têm que se dedicar ao diálogo com o meio intelectual e mesmo com o mundo em que vivem, podendo *fazer* filosofia de forma mais centrada e concentrada. Produzem um pensamento provavelmente muito preciso, e certamente de pouquíssima repercussão. Algo como uma fantástica preciosidade irrelevante.

Minha hipótese é que as raízes dessa filosofia sitiada, tão comum em *nuestra América*, remontam mesmo ao ideário político pedagógico da colonização. Tenho defendido nos últimos anos que, no Brasil, existiram ao longo da história apenas dois paradigmas filosóficos<sup>5</sup>, e, assim como Salazar tinha elementos para crer que os resultados de sua pesquisa eram válidos para mais além da América hispânica, eu também tenho elementos indicativos de que aquilo que venho estudando no contexto brasileiro, se aplica ao conjunto da América Latina.

---

<sup>4</sup> Tratei mais detidamente deste assunto no capítulo “Por uma filosofia da insurgência”, escrito juntamente com Suze Piza.

<sup>5</sup> Sobre isso, ver meu texto *Os dois paradigmas históricos e o atual estado de crise da Filosofia no Brasil*.

A Filosofia Ocidental chega à América com a construção dos Colégios Jesuítas. No caso Brasileiro, os primeiros são instalados em Salvador e São Paulo, na década de 1550. Eram regidos pelo exclusivo modelo de educação jesuíta. Foi, por assim dizer, o primeiro movimento de construção formativa, filosófica, que teve consequências, isto é, que perdurou por períodos mais longos, influenciando efetivamente na construção do continente, constituindo-se como paradigma da filosofia entre nós. No Brasil, há registro da diplomação de estudantes (conforme a legislação da época, formados como Bacharéis em Artes, que compreendia a Filosofia e as Ciências), a partir de 1575. E esse foi o modelo único da Filosofia até a ruptura da simbiose política entre os estados coloniais ibéricos e a igreja, que ocorreu em Portugal em torno de 1750-60, um pouco mais cedo na Espanha. Tratou-se de um modelo único de filosofar implantado com forças de inquisição – que também vigia por aqui, na época – por cerca de dois (dos cinco) séculos da nossa história pós-invasão.

Toda a educação jesuíta, inclusive a Filosofia, era pautada no *Ratio Studiorum*. Tratava-se de uma espécie de coletânea de práticas educacionais consideradas bem-sucedidas pelos jesuítas, inicialmente reunindo experiências observadas em colégios europeus desde 1551. Já em 1584, o documento começa a ganhar força de modelo único, visando à uniformização da educação jesuíta em todo o mundo. Assim, embora a versão definitiva do *Ratio* date apenas de 1599, o documento já era o único referencial educacional da Companhia de Jesus desde o início da formação filosófica no Brasil.

O *Ratio* é constituído por 467 regras enumeradas e divididas em 30 seções. São regras explícitas, quase que uma espécie de *manual de procedimentos*, explicitando as “Regras do Reitor”; “Regras do professor de matemática”, etc. Vinte dessas são as “Regras do professor de Filosofia”. Para que se tenha uma ideia de seu sentido, destacamos:

2. Como seguir Aristóteles. — Em questões de alguma importância não se afaste de Aristóteles, a menos que se trate de doutrina oposta à unanimemente recebida pelas escolas, ou, mais ainda, em contradição com a verdadeira fé. Semelhantes argumentos de Aristóteles ou de outro filósofo, contra a fé, procure, de acordo com as prescrições do Concílio de Latrão, refutar com todo vigor.
3. Autores contrários ao Cristianismo. — Sem muito critério não leia nem cite na aula os intérpretes de Aristóteles contrários ao Cristianismo; e procure que os alunos não lhes cobrem afeição.
4. Averbóis. — Por essa mesma razão não reúna em tratado separado as digressões de Averbóis (e o mesmo se diga de outros autores semelhantes) e, se alguma coisa boa dele houver de citar, cite-a sem encômios e, quando possível, mostre que hauriu em outra fonte.
5. Não se filiar em seita filosófica. — Não se filie nem a si nem a seus alunos em seita alguma filosófica como a dos Averroístas, dos Alexandristas e

semelhantes; nem dissimule os erros de Averróis, de Alexandre e outros, antes tome daí ensejo para com mais vigor diminuir-lhes a autoridade.

6. Santo Tomás. — De Santo Tomás, pelo contrário, fale sempre com respeito; seguindo-o de boa vontade todas as vezes que possível, dele divergindo, com pesar e reverência, quando não for plausível a sua opinião.

Ao mesmo tempo em que a Europa protestante ia se modernizando, nosso modelo paradigmático não permitia o diálogo com o contexto de surgimento das ciências modernas, nem, posteriormente, com a sistematização cartesiana, nem, ainda mais tarde, com os ideais iluministas. Não reconhecemos, aqui na América e também na Península Ibérica, a crise epistemológica que inaugurou a Modernidade, na Europa. Também, já em torno a 1760, essa Filosofia não dialogava com mais nenhum setor organizado da sociedade. Tratou-se da produção do primeiro sitiamento da filosofia entre nós. Separados da modernidade filosófica pela imensa barreira atlântica, ainda sob a restrição de acesso aos portos, configurou-se assim uma espécie de hiato: já não era expressiva a produção filosófica de modelo jesuíta, mas tampouco havia outra forma de produção que se fizesse notar com destaque. Na ausência de outras referências, o velho paradigma ainda continuava ecoando em nossos intelectos.

O modelo que reuniu forças suficientes para se constituir como o segundo (e ainda vigente) paradigma da Filosofia entre nós surge apenas no início do século XX, com a introdução mais forte, no continente, das universidades contemporâneas. De influência hegeliana, a partir da instituição desse novo modelo de universidade, a filosofia foi por ele sendo cooptada. Foram se tornando cada vez mais raros os outros espaços do fazer filosófico, que não a universidade: já não existiam filósofos que eram chanceleres, militares, governantes ou que exerciam outras funções sociais. Foi se constituindo uma espécie de entendimento tácito de que o único espaço legítimo para a prática da filosofia era essa nova universidade – com efeito, quantos são os filósofos profissionais que conhecemos hoje, e que não estão nas universidades?

Mas essa universidade contemporânea, em sua compreensão da Filosofia, tem indelével marca hegeliana, e é assim que este filósofo compreendia o papel da filosofia na universidade:

(...) correto que o ensino da filosofia nas Universidades só pode fazer o que deve – **uma aquisição de conhecimentos determinados – quando tomar um determinado curso metódico, que englobe e ordene o pormenor.** Só nesta forma é que tal ciência, como qualquer outra, se pode ensinar. Mesmo se o docente quiser evitar este termo, terá a consciência de que, antes de mais e essencialmente, precisa fazer isso. [...]. Segundo um erro geral, parece que a um pensamento se apôs o cunho do ser pensado por si mesmo só quando ele se desvia do pensamento dos outros homens, e aqui costuma então encontrar

a sua aplicação o mote conhecido de que o novo não é verdadeiro e o verdadeiro não é novo; – daí nasce, aliás, **a mania de cada um querer ter o seu próprio sistema**, e que uma ideia se considera tanto mais original e excelente quanto mais absurda e louca for, pois assim demonstra ao máximo a originalidade e a diversidade em relação ao pensamento dos outros (HEGEL, 1989, p. 21-2).

Se é verdade que a Filosofia eurocêntrica entrou em órbita, como anunciaram tantos autores, é verdade, por consequência, que os que insistem em fazer filosofia a essa moda só podem se resignar a escrever mais uma parte de seu Epílogo. E a morte daquela filosofia foi decretada por Hegel, ao encarcerá-la na universidade e ao reduzir o papel da filosofia universitária à atenção aos pormenores. Foi sua morte.

Entre nós, latino-americanos, portanto, os dois paradigmas conhecidos da Filosofia implicam em um estado de sítio. Ao que parece, até muito recentemente, a única filosofia que fazíamos, era uma filosofia sitiada.

### **Uma tarefa filosófica: insurgir**

Frente a estes dois paradigmas que regeram nos últimos séculos a Filosofia em *nuestra América*, trabalhar pelo surgimento de novas Filosofias, no plural, que levem em consideração as circunstâncias histórica e sócio-política em que são produzidas, já é, por si mesmo, uma atividade de insurgência. Trata-se de um processo longo e complexo, pois representa o surgimento de um novo paradigma filosófico, inédito no cenário mundial. Nunca na história foi proposta uma filosofia com as características que algumas e alguns de nós temos praticado aqui, sobretudo a partir da pró-vocação dialógica de Salazar Bondy e Zea, que tem gerado a construção de cenários utópicos possíveis, de uma *utopia e práxis latino-americana*.

Mas, como a história se repete, vivemos novamente tempos de cólera. Como ocorria há cinquenta anos, os regimes de poder autoritário voltam a ameaçar (ou continuam ameaçando?) a América Latina, em um esforço para uma reedição da Era das Ditaduras. De modo que, para além da insurgência que é o próprio ato de propor um novo paradigma filosófico, original e autêntico, a emergência política nos impõe a urgência de tarefas filosóficas de insurgência.

Em lugar de uma filosofia **sitiada**, precisamos da filosofia **situada**. Que considere sua situação concreta e real, sua circunstância (Zea), pois a produção da Filosofia não pode ser pensada à parte da economia e da política. Desta constatação, já extraímos duas diretrizes: (1) A filosofia ainda precisa sair do cárcere da universidade contemporânea. Não abandonar a

universidade, mas tampouco compreender que a universidade é o ‘único’ espaço da Filosofia, como muitos vêm fazendo regularmente. A Filosofia que transgride os limites institucionais universitários é um dos cenários utópicos possíveis que podemos construir como tarefa filosófica. (2) No momento atual, a Filosofia ainda se faz quase que exclusivamente sob os limites impostos pela universidade contemporânea, de modo que insurgir nesse espaço, a universidade, que é ainda o espaço quase-único da Filosofia, é tarefa filosófica urgente.

## Referências

CRUZ COSTA, J. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

DUSSEL, E. **Ética de la liberación**. 4.ed. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEGEL. “Sobre o ensino de filosofia nas universidades”. In: **Sobre o ensino da filosofia**. Covilhã: UBI, 1989.

HINKELAMMERT, F. **Crítica da razão utópica**. São Paulo: Paulinas, 1986.

PANSARELLI, D. **Filosofia latino-americana: a partir de Enrique Dussel**. São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2015.

\_\_\_\_\_. “Os dois paradigmas históricos e o atual estado de crise da Filosofia no Brasil”. In: FEITOSA, E.; FREITAS, L. (orgs.). **Filosofia, teorias críticas e emancipação humana**. Santa Rita: SEDIC/CAPES, 2018.

PANSARELLI, D.; PIZA, S. “Por uma filosofia da insurgência” (prelo).

SALAZAR BONDY, A. **¿Existe una filosofía en Nuestra América?**. 11.ed. México: Siglo XXI Editores, 1988.

SEVERINO, A. J. **A filosofia contemporânea no Brasil**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZEA, L. **La filosofía americana como filosofía sin más**. 3.ed. México: Siglo XXI Editores, 1975.